

# Irmãs são enterradas

Familiares e amigos participaram do sepultamento, realizado na tarde de ontem no Cemitério de Taguatinga

» LEILANE MENEZES

A família de Liliane, 18 anos, e Juliana Queiroz de Lira, 21 anos, se despediu das jovens que perderam a vida no Lago Paranoá na madrugada do último sábado, na tarde de ontem. Não houve velório devido ao estado dos corpos, que chegaram às 13h30 ao Cemitério de Taguatinga. As duas irmãs foram enterradas em uma mesma gaveta na Quadra 121. Os parentes, amigos e alguns curiosos levaram flores, especialmente rosas brancas, para enfeitar o túmulo. Por volta das 14h30, depois de rezarem um Pai-Nosso e duas Ave Marias, os familiares deixaram o local.

Aproximadamente 150 pessoas acompanharam o cortejo, que foi marcado pelo inconformismo. Os parentes chegaram juntos ao cemitério e vestiam camisetas que estampavam fotos de Liliane e de Juliana. No verso da blusa, a palavra saudade foi escrita para externar o sentimento de todos. Rita de Cássia Queiroz de Lira, 26 anos — irmã das vítimas, que também estava na embarcação no momento do acidente —, desmaiou e precisou ser socorrida pelo Corpo de Bombeiros. Diante dos caixões, ela entrou em desespero. “Acorda elas, elas têm sono pesado. Eu quero minhas irmãs, preciso delas”, gritou por mais de uma vez. Debruçada sobre um das urnas, Rita tentou abri-la. Queria ver, pela última vez, as meninas a quem chamava de “meus amores”, mas foi impedida.

Juliana, Liliane e Rita moravam no mesmo apartamento, junto de outros três irmãos, Deane Cavalcante, 24 anos, Ariomar Queiroz de Lira, 24, e Maurício Queiroz de Lira, 28. Deane não segurou as lágrimas e tentou pensar na vida daqui para a frente. “Não quero voltar para aquele apartamento. A gente era tão feliz e agora olha o que aconteceu. Porque eu não pedi a elas para ficarem em casa?”, lamentou.

As irmãs são baianas, vieram da cidade de Barra há oito anos, quando os pais se separaram. Desde então, Rita, a mais velha, se sentia responsável pelo bem-estar das outras jovens. “Onde uma ia, todas iam. A última lembrança que vou ter delas são as duas se arrumando para ir à essa festa. Eu até pensei em ir, mas depois desisti porque estava cansada”, afirmou Deane.

## Força

A mãe das meninas, Josefa Queiroz, 54 anos, manteve-se forte durante o enterro. Ficou sentada em uma cadeira de plástico branca, amparada pelos parentes e com um olhar distante. Só se levantou para rezar um Pai-Nosso ao redor dos caixões. “Essa é a pior dor da vida. Qual

Bruno Peres/CB/D.A Press



A irmã das jovens mortas, Rita de Cássia (com um vaso de flores na mão), passou mal durante o enterro

**Essa é a pior dor da vida. Qual mãe imagina que um dia vai enterrar um filho?”**

Josefa Queiroz, mãe de Juliana e Liliane

mãe imagina que um dia vai enterrar um filho?”, questionou. Depois de quatro dias de uma espera angustiante para saber o paradeiro das filhas, Ademir Barbosa de Lira, 53 anos, se despediu dizendo: “Minhas filhas, o pai ama vocês. O pai vai sempre amar vocês”. Enquanto isso, um homem desconhecido pregava: “O Lago Paranoá devia ser um lugar de alegria. É triste ver a perda de duas flores ainda em botão”.

Natália Serra, 22 anos, Júlia Serra, 18, Tanandra Carvalho, 22, Marcelo Santos, 26, e Marcos Paulo França, 20 — jovens que estavam na lancha na hora do naufrágio — foram ao enterro. Observaram de longe a cerimônia na maior parte do tempo, refugiados atrás de óculos escuros que não conseguiam

esconder a tristeza. Nenhum deles falou com a imprensa.

O comandante do 1º Batalhão de Busca e Salvamento, coronel Rogério Soares, um dos principais responsáveis pelo trabalho de mais de 80 horas de buscas, também compareceu ao sepultamento. “Esse caso foi emocionante. Já dei esse tipo de notícia (de morte) várias vezes, mas dessa vez foi diferente”, disse. Depois da descida das urnas, houve uma salva de palmas, alguns cantaram músicas religiosas e rezaram uma Ave Maria. Pouco antes das 15h, a família e os amigos começaram a deixar o local. Saíram antes do fechamento do túmulo. No fim da tarde, sentindo-se mal, Rita foi levada ao Hospital Regional de Taguatinga.

Colaborou Juliana Boechat

## Perfis

### JULIANA QUEIROZ DE LIRA, 21 ANOS

“Gosto de ser feliz, seja como for.” É assim que Juliana Queiroz de Lira, 21 anos, se define em uma página de relacionamentos na internet, o Orkut. Ela morava em um apartamento na Praça do Bicalho, na CND 2, em Taguatinga Norte, com outros seis irmãos — inclusive Liliane, 18 anos, que também morreu no naufrágio da lancha, na madrugada do último sábado. O oitavo irmão mora em Samambaia. Os amigos de Juliana a descrevem como uma pessoa sorridente e de bem com a vida. Alguns comentam que a jovem sonhava em ser engenheira ou arquiteta. O pai, Ademir Barbosa de Lira, 53 anos, lembra que a garota era carinhosa e estudiosa. Solteira, Juliana adorava festas. Mas, segundo a prima Nilsiane, ela havia diminuído o ritmo nos últimos meses. “Ela tinha parado um pouco de sair, estava frequentando a igreja”, contou.

Juliana completou o ensino médio e trabalhava como recepcionista em um escritório de engenharia. Nascida em Salvador (BA), a jovem se dizia fã de esportes. Gostava de ouvir MPB, rock e frequentava festas de axé music com amigos e parentes. O romance Volta ao mundo em 80 dias, de

Fotos: Orkut/Reprodução



Júlio Verne, está no topo da lista dos livros favoritos de Juliana. Ela se emocionava com filmes de comédia romântica e desenhos animados. A recepcionista participava de alguns encontros com amigos no Lago Paranoá, mas não sabia nadar. A pessoas próximas, ela já havia comentado que o maior medo era o de morrer afogada.

### LILIANE QUEIROZ DE LIRA, 18 ANOS

Liliane Queiroz de Lira, 18 anos, dizia não conseguir viver sem a mãe, que vive na Bahia, e sem Deus. Há oito anos, quem cuidava de Lili, como era chamada na intimidade, era a irmã mais velha, Rita de Cássia Queiroz de Lira, 26 anos, que pegou para si a responsabilidade de criar as meninas. Rita comenta o quanto mimava Liliane. Nos últimos meses, a família havia voltado a frequentar cultos religiosos. Ademir, pai das duas vítimas, lembra-se da filha como uma pessoa “maravilhosa”. “Ela nunca me deu trabalho e adorava ver a família unida”, disse. Liliane e Juliana estavam sempre juntas, uma era a melhor amiga da outra. Os parentes destacam ainda o bom humor da garota.

Liliane tinha cabelos pretos, cerca de 1,63 metros e olhos cor de mel. Gostava de dançar e de aventuras. Intensa, dizia-se sempre em busca de uma paixão para a vida. O filme favorito: A procura da felicidade, drama estrelado pelo ator Will Smith. Ao lado de Juliana, frequentava shows de axé music, ouvia MPB e rock. Não fumava, mas bebia regularmente. Assim como a irmã, Liliane trabalhava como recepcionista, mas em um



salão de beleza. Na página de relacionamentos na internet, a jovem dizia não suportar falsidade. Os amigos de Liliane ressaltam a vontade que ela tinha de aproveitar a vida. Muito querida, a flanguista recebeu recados virtuais lamentando a tragédia e desejando força à família.